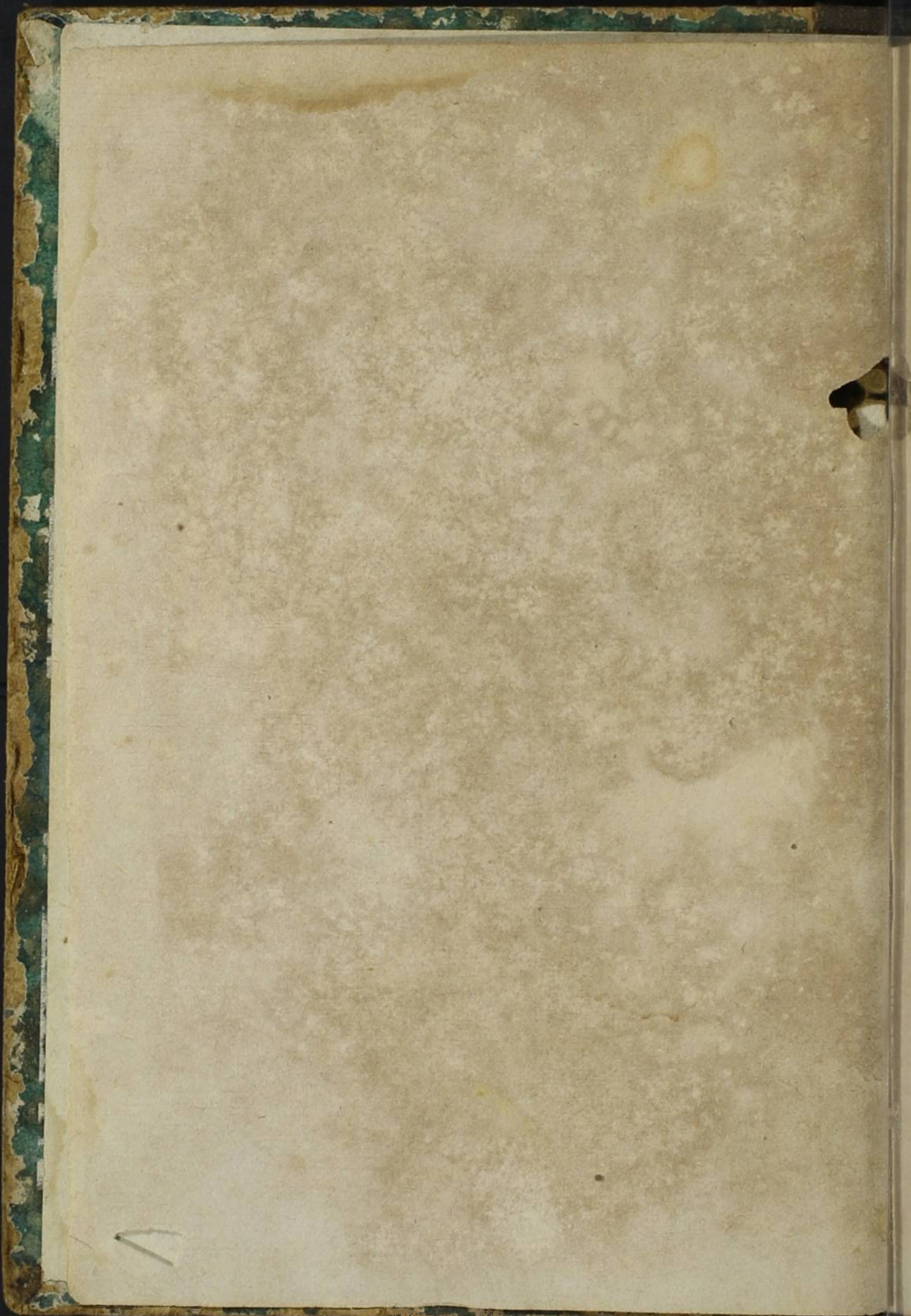




40



Le 5 Mai

Je reçois La
somme de 60 f
De Madame De Saiza
Eugenie Cottureau

Le premier juin
j'ai reçu La somme
de 60 francs des
gages d'un mois de
madame saiza
Eugenie Cottureau

Le 16 juillet
j'ai reçue La
somme de 60
francs Des gages de
ma femme de souza
Eugénie Cotteron.

Ceste livre de Modinhas
pertence a Ex^{ma} Sr^a D^a
Amelia Vallim Pereira de Souza.

Quod natura dat, nemo negare potest.

que a natureza dá, ninguém pôde
negar.

Deve-se sempre seguir a natureza

O homem é o que a natureza quer.

O homem faz-se; porém, sem-
pre dependendo da natureza.

A natureza, indica o caracter do
homem.

Oh! sorte minha cruel
Ven meus dias terminar
já que jonia por quem morro
Não me vem feliz tornar.

Vida de dônês
Sem um prazer
E mais que a morte
Sol prade cer.

Nem momento finda a vida,
Quem nasceu só para amar,
Quem a jonia com ardor,
Soube sempre idolatrar.

So o desejo
De a gozar
Mantem-me a vida
Neste premar.

Ós oh! céos! por piedade
Arriancar-me o coração
Que sumiu-se a minha estrella
Nas nuvens da ingratitude.

Vida de Jões
Sem um prazer
É mais que a morte
Tal pradezer.

Fim,

Dá-me um sorriso.

Dize-me, o bella, se me amas,
Escuta com attenção:

Dá-me um riso dos teus labios
Consola meu coração.

Se teu affecto é volúvel

Por que m' illudes em vão?

Tede a teu arjo um punhal
Come crava o coração.

Ah! como sou infeliz!

Amar e não ser amado,

Ser pelo arjo que adoro

Touco a pouco desprezado.

Trudencia tu és a mãe
D'um infeliz como eu;
já gosei horas felizes
Meu coração já bateu.

Mas hoje a sorte mudou-se
Tornou-se um fel o meu facto;
Tinha ventura, acabou-se,
Fois amo sem ser amado.

Fim.

Copiada por
Antonio Ludgero Guedes Peixoto

Modinha.

Sonheia que era bella
De branco trajar,
Sorria encantava,
O labio luar!
Ordina de espuma,
Sabida do mar.

Fitou-me parei,
Que olhar e que luz!
Sem labio de flôres,
Eu vi destizar.
Que som mavioso,
Que voz de encantar.

Deitou-se cantando
No mar todo azul,
E a brisa do sul
Seu collo agitando:
Trouxerão-me a voz
Na ondina boiando.

Surruu - se surruu - se
Meu peito irô arceia
De ouvir - a sireia
Cantando - ao luar
Nas aguas fadadas
Lahidas do mar!

Copiada por
Antonio Ludgero Guedes Peixoto

Scismar.

Ahi! quando de noite, sorinha a janella,
Co' a face na mão eu te vejo ao luar,
Porque, suspirando, tu sonhas, Tonzella?

A noite vae bella,
E a vista desmaia
Ao longe na praia
Do mar Do mar!

Porquem essa lagrima ovalha-te os dedos,
Como a gua da chuva a cheiroso jasmim?
Na scisma que arjo te conta segredos?
Que pallidos medos!
Suave morena,

Acaso tens pena
De mim De mim!

Dorizella sombria, na brisa não sentes
A dor que um suspiro em meus lábios tremeu
A noite, que inspira no seio dos entes

Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que falla-te a sós
Sou eu? Sou eu?

Acorda! não durmas de scisma no véo!
Lembramos, vivamos, que amor é sonhar!
Um beijo, Dorizella! não ouves? no céu
Abrixa gemeu...

As vagas murmurão.
As folhas susurrão:
Amar! Amar!

Fim.

Modinha,

É tarde não te levantes
Dorme teu tranquillo somno
Deixe só que o infeliz
Chore hoje o abandono.

É tarde não te commovas
Deixa cantar e soffrer
Quem a vida desprezou
Por amar até morrer.

É tarde não te assuste
Do peito presta attenção
As vozes deste meu canto
Que te fallão ao coração:

É tarde d'hoje escuta
As magoas o meu soffrer
Que jurei de te amar
Fiel sou até morrer.

É tarde não te sorprendas
O gerrido que o choroão
Da lua leva o teu peito
Em voses do coração.

É tarde não te levantes
Dorme teu tranquillo somno
Soue o infeloz para sempre
Vai chorar teu abandono.

Fim.

Copiado por
Antonio Louçero Guedes Peixoto

Recordação da tristera.

Sombria noite me recorda em dôres
Loucos amôres que fui contigo,
Arhelos, creanças, dessa quadra ida
Tingem-me a vida no proovir imigo.

Ahoro esse tempo de illusorios sonhos
que tão risorhos me duravam os dias,
Agora a esperança que brotou-me n'alma
Na dôce calma de gentis delicias.

Sim, que dos gazos perfumosas flônês
estam-me as dôres que ligou uma sorte,
Hoje meus labios no soffrer crestados
em ais magoados só murmuram a morte.
(Vire)

Fanou-se a estrella que fulgia pura,
A desventura d'um penar sem fim,
Perdi o arço que inspirou-me as crencas,
Santas, immensas, a sorrir p'ra mim.

Que espero agora a solucar descrente
No juranto ardente de cruel saudade?

Que espero agora no perder dos risos,
Falsos sorrisos do florir da idade?

Triste e sózinha n'um punção de Jônês
Lembra-me amores que gasei contigo,
Embora a sorte nos rompesse os laços,
Sigo os teus passos, tua sombra sigo.

Fim.

Frieste.

A. . .

Vives de mim distante, e tão distante,
que nunca mais, talvez, te possa vêr;
em grossa de teus lábios receber
O último ai, dorido, agonizante!

Olhos dos olhos teus, viva e brilhante,
da de todo o pranto escurecer
tu vives ainda, se é viver,
se martírio lento, cruciante!

Alma proterva e vil, de odio nutrida,
apresenta na dor que te consome,
inventá magoas para extinguir-te a vida.

Mas ah! Se pode, minh' imagem tome
de tu' alma; e o pranto de teus olhos, querido
quando a saudade te lembrar - meu nome

Rio, 188...

Maria Amathilde.

Recordação
de Copacabana.

Nestas praias de limpidas areias
Prateadas a noite pela lua
Passo as horas scismando nos amores
Luz embêbido perdi na imagem tua

Quando o sol, pelos montes declinando,
Vai ao mar sepultar os seus ardores,
Uma lagrima me rola pela face
Recordando, sorinho os meus amores.

Ó campinas ó praias seductoras!
Ó montanhas ó valles de saudades!
Meu segredo guardai em vosso leito
Desse tempo de tantas felicidades.

Do recinto não passem desses valles
Os protestos que a ella dediquei!
Guardem praias, montanhas e campinas
Quanto ais e suspiros lhe envie.

Fim.

2
0
Ainda desmaia.

Ainda desmaia no combro da praia
E a renda da saia da virgem molhou;
E o anjo vagueia, brincando na areia
Nem mesmo receia do mar que a molhou.

Brincava, brincava, e as conchas guardava
No seio, que arfava do brinco infantil;
E a linda botina, de forma tão fina
Gentil, pequenina pisava subtil.

Na areia macia que o vento movia,
O anjo escrevia... escrevia a scismar...
E o astro do dia seus raios sumia

Na onda braviosa das aguas do mar.

Um vulto elegante parecia constante

Na praia distante cantando ao luar:

Donzella, Donzella a noite é tão bella,

Meu barco tem vela... voemos ao mar!

A virgem dormente dispreta contente,

Na voz que inda sente, repete tambem:

A noite é tão bella, teu barco tem vela,

Conduza Donzella as praias de além!...

A virgem s'inclina qual branca bonina,

a fronte praepe'rua no hombro porosa...

Os raios da lua, ligeira falua

Nas aguas fluctua, na praia abicou.

Fim.

O Adeos do Jor do leiro.

Adeos. acabaráo-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado,
Sôa a hora o momento fadado,
E forçoso deixar-te e partir;

Quão formosos quão bellos que forão
Estes dias de amor e ventura,
E quão cheios de longa amargura
Os d'ausencia vão ser no prozir

Olha em roda. Estas margens virentes
Sêdo o otorno despede os encantos,
Co inverno com gelido mantos
Baixará das montanhas de além,

Tudo triste sombrio e gelado,
Ficará sem verdura e sem flôres,
Qual meu seio privado de amôres,
Ficará de ti longe também.

Não sei mesmo, não sei se o destino
Vos dará que te abraça na volta!
Ah! Quem sabe, onde a vaga revolta,
Levará meu perdido Batel;

Sobre as ondas, sem norte, sem rumo,
Impellido por ventos funestos,
Lumina' por ventura os meus restos
Avoragem de ignoto Parcel!

Vire

Mas ao longe esta idéa sombria,
Longe, longe o cruel desalento,
Após de amargo tormento
Virão dias mais bellos talvez;

Da-me ainda um sorriso em teus labios,
Uma esperança que esta alma alimente,
Que na volta da quadra flôrente,
Eu com as flôrês virei outra vez.

Mas, se as flôrês dos campos voltarem
Sem que eu volte com as flôrês da vida,
Chora aquelle que em tumba esquecida
Dorme longe no longo dormir:

Escada anno que o saporo do otorno,
Desfolhar as verduras do olmeiro;
Lembra-te ainda o adeos de verdeiro,
Este adeos que te digo ao partir.

Adeos!... acabaraõ-se os dias
Que ditoso vivi a teu lado;
Tõa a hora o momento fado,
É forçoso deixar-te e partir.

Fim.

Copiado por
Antonio Ludgero Fuedes Teixoto.

Modinha.

Minha alma vagueia incerta
Nas trevas da ingratição,
Meu sangue exangue regela
Em meu triste coração.

Minha estrella amiga da infancia
Hoje em vão a procuro no céu,
Meo Deus, porque me abandonas?
Ingrata ah! que mal te fiz eu?

Até mesmo a flor de meu nome,
Sem pet'las vim hoje encontrar;
Essa virgem a quem tanto amei

Me - condemnada a morrer de paixão

Minha estrella amiga da infancia
Hoje em vão a procuro no céo,
Meo Deus, porque me abandonas?
Ingrata ah! que mal te fiz eu?

Fim.

Copiado por
Antonio Ludgero Guedes Teixeira.

Sundú.

Casei-me com uma menina
Que me veio rota e nua
Assim mesmo ralha comigo
Quando chego tarde da rua.

Se, ando tarde
E com a condição
De chegar em casa
Tomar belisção.

Berta vizinha invejosa
Mas feia que uma preta
Foi contar a Sinhazinha

1
Que eu ando na rua.

Se ando tarde
É com a condição
De chegar em casa
Tomar beliscão.

2
3
4
Que se importa a vizinhança
que eu ande tarde na rua?
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

Que se importa a vizinhança
que eu ande tarde na rua?
Me trata da minha vida.
Cada qual trate da sua.

Se ando tarde
É com a condição
De chegar em casa
Tomar beliscão.

Eu não gozo do bom tempo,
Nem também noite de lua;
Quem é cazado não pôde
Andar tarde na rua.

Se ando tarde
É com a condição
De chegar em casa
Tomar beliscão.

Fim.

Copiado por
Antonio Ludgero Guedes Teixeira.

Modinha.

Fostes falsa hontem á noite,
Meo rival eu conheci,
Ora junto a quem tu estavas,
Nãõ me negues, eu bem vi!

Bem sabias que eu te amava
Que eras só o meo amor,
Que era a ti que eu adorava
Com transporte e com ardor.

Bem sabias que eu vivia,
Lá na terra só por ti,
Que eras tu a minha vida,
Desde a hora em que te vi!

Bem sabia que a outro
Fostes dar tambem amor,
Fazendo que eu assim bebêsse,
Negro calix de amargor.

Telas ruas da cidade
Meo rival eu conheci,
Era elle a quem fallavas,
Nao me negues, eu bem vi!

Arrastando estas correntes
Telas ruas da cidade,
Nao a chei tamanho preso,
Como as tuas falsidades.

Firma.

Infancia.

O arjo da loura trança

Que esperança

Nos traz a brisa do sul!

Correm brisas das montanhas...

Vê se apanhas

A borboleta de azul!...

O arjo da loura trança,

Es creança,

A vida começa a rir.

Tive e folga descansada,

Desquida da

Das tristezas do porvir.

O anjo da louca trança,
Não descansa

A primavera ainda em flor;
Por isso aproveitá a aurora

Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

O anjo da louca trança,
A tor larça

Em nossa alma agno descrever.
Que não encontres na vida

Flôr querida,
Senão continuo prazer.

O arço da loura trança,
A onda é mansu
O céu é lindo do céu;
E sobre o mar tão dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

O arço da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!...
Correm brisas das montanhas...
Vê se aparckas
A borboleta de azul!...

Fim.

Culina.

Se te perguntarem Culina,
Se nós nos queremos bem,
Negue Culina de minh' alma
Que eu jurei negar bem.

Dava-te meo coração
Se eu pudesse-o arrancar,
Arrancando-o sei que morro,
Morro não te posso amar.

Eu jurei e tu jurastes
Não amar a mais ninguém,
O amor hoje me obriga,

A amar e querer bem.

Dava-te o meu coração
Se eu pudesse-o arrancar,
Arrancando-o sei que morro,
Morto não te posso amar.

Eu jurei e tu jurastes
Nunca mais nós nos fallar,
As ausências e as saudades
Fizerão as juras quebrar.

Dava-te o meu coração
Se eu pudesse-o arrancar,
Arrancando-o sei que morro
Morto não te posso amar.
Fim.

Oração dez horas.

Oração dez horas no silencio mudo,
Reimava tudo nesta solidão;
Minh' alma é triste lamentando evanescer
A dor pulsante de meo coração.

Oração dez horas no enfadonho leito
Meo pobre peito, suspirava só,
Ninguém ouvia meo gemer d'amôres,
De meos clamores ninguém tinha dó.

Oração dez horas de chorar cansado,
Tive desgraçado mitigar a dor;
A pobre lyra desferio-me um canto
Cresceu-me o pranto... era tudo horrôr.

Myo celeste vem buscar-me agora,
vem nesta hora vem trazer-me a morte
eis a esperança que me dava vida,
Amor descida - terminou - se morte.

Fim.

Copiado por
Antonio Ludgero Guedes Peixoto

Modinha.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flôres
N'aquellas tardes faqueiras
A sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjeiros!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
- Respira a alma innocencia
Como perfumes a flôr;

O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!

Oh! meu céu de primavera!
Quê doce a vida não era
N'essa risonha manha!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha n'essas felicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Liure filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
- Péis descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
A roda das cachoeiras,
A travz das azas ligeiras

Das borboletas azues!

N' aquelles tempos ditosos
Ja colher as pitangas,
Preparava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céo sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

.....

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,

Da minha infancia querida
Que os annos não traxem mais
- Que amor, que sonhos, que flôres,
N^{as} aquellas tardes faqueiras
A sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjeas!

Fim.

Copiado por
Antonio Ludgero Guedes Peixoto

Surdú.

Eu amei uma solteira
Foi o meu amor primeiro
Vão quiz casar-se comigo
Por achar-me sem dinheiro.
E me não me quiz deixar.

Eu amei uma casada
Com seu amor entretive
O marido de cacete
Foi a resposta que tive
E me aparrhei dei.

Amei uma velhinha
Com os pés na sepultura
Assim mesmo ella passou-me
Solomne descompostura
Amei, me chingou, deixei.

Eu amei uma Freira
A quem muitas namoravão
E para coroar a obra
Os frades me escommungavão
Amei, me escommungou, deixei

Eu amei uma Jonzella
Principiei a namorar
D'ahi a dias com outro

Treatou e foi-se casar
Amiei, ella casou, deixei.

Eu amei uma viúva
Com criterio e decoro
Logo deu-me a taboa
No principio do namoro
Amiei, não me quiz, deixei.

Eu amei uma creoula
Velha papuda e feia
Apanhou por ter furtado
Para me dar uma ceia
Amiei, ella apanhou, deixei.

Amiei todas as classes
Branca, mulata e creoula
Ellas, hião me deixando
Sem camisa e sem cenoula
Amiei, me despio, deixei.

Minha boca não é fole
Nem é tenda de ferreiro
Quem quizer que eu cante modo
Hade me pagar dinheiro
Cantei, não me pagou, deixei.

Fim.

Copiada por
Antonio Ludgero Guedes Teixeira

O meu passado e o meu presente

1

Virgem casta, eu já fui como tu,
já vivi como os anjos no céu;

Esta fronte que ves humilhada
foi coberto com curtidão de

Estribilho

Eu também como tu tive flores

Tive santa quinalda singella!

Tive beijos de um pai carinhoso

Eu também tu já fui bella

2

Como tu eu já tive esperança

e gozei d'essa vida casada:

Hoje vivo a lutar com as dorès,

Que flumina a mulher desgraça

3.

Tive mãe, como tu ainda tens,
Que velada por minha venturosa
Que tornava meus dias ditosos,
Que seus lábios me dava a docura

4

Mas bem cedo donzella essa gloria
De qual um sonho depressa passou,
Essas flores sagradas que tive
Foi um beijo infernal que as murmurou

5

Esse véio innocente que tive,
Me beirou sem penna nem d'ó,
Impia não orasgou com desprezo,

em as cinzas se encontram no pó.

Se des 6

de desculpa donzella, esse canto,

Repassado de dor e de fel

que as queixas da triste perdida,

que são echos da sorte cruel.

Tim

Modinha.

Como todas na idade das sonhas
Eu sonhei um amor divinal!
Era um anjo que eu via no sonho
Entre nuvens de forma ideal.

Incendi-me de amor pelo anjo,
Erigi-lhe no peito um altar;
Eri nos votos que far-me tão meigo
So'a ti, so'a ti hei de amar!

Foge o tempo, fugirão as sonhas
E com elles a grata impressão,
E a forma sonhada de anjo
Era o typo da ingraticidão!

Como todos na idade das sombras,
Vive amor, esperança illusão;
Ojo vivo na quadra real
e martyrias, de dor e afflicção.

Fim

o Bria.

1

A briza corre de manso,
Por entre as sombras d'a lém,
O mar se move em balanço
e as ondas correndo vêm.

E tu desprenderas as tranças
Ao sôfuro do vento sul,
E chorarás as esperanças
N'essas teus oíthas de azul...

Depois a nau te suspirará
A onda geme na praia,
A voz do vento delirará
A luz nas trevas desmaia.

Enque as oíthas para o céu,
Canta um hymno d'amôr,
E Deus te envolve no véo
Do teu juedico rubôr.

Quando a manha ven surgindo,
Entre glócos de luz,
Mas os cabellos fulgindo,
Como as legendas da cruz.

Tallas de amor em delirio,
Tantas louca a innocencia
O te responde a martyrio
Talla-te a voz da saudade.

Fim

Modinha.

1

Virgem das laivos cabellas
Bellas

Como cadêcias de amôres
Onde vais tão triste agora
Kecra

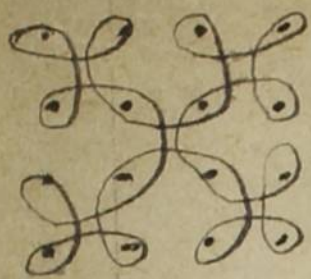
De tão sinistras horroes.

2

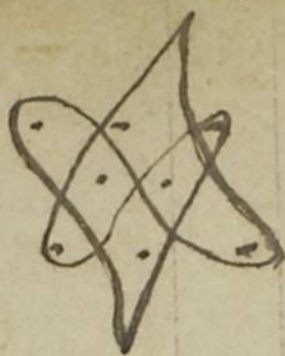
Sob nuvem luctulenta
Lenta

Se esconde a palida lua,
nas sombras as genias combatem
Batem

Os ventos a rocha nua.



3



Dos furacões nas Esfadas
Fadas

Para hi dozes passão nos arcos,
Quentes monstros te espião
Pião

As corujas nas palmares.

4

Bella doida se sabe esses
Esses

Esses cantos o que dizem,

Sh! por certo que me ouvirias
Tiras

Que triste couras se edizem.



5

Nesses heranças sem termos

Ermos

Ninguém pode te acudir

Toma sentida socega

Céga

Vé, são horas de dormir.

6

Calver na cabana agora

Ora

Tua pobre mãe por ti

E teu pai além divaga

Vaga

Sem saber que andas aqui.

Modinha.

Quando meu corpo se desmancha "carnice"
Resacaço eterno do infim mortal
eissem que a virgem que adora "victa"
ja meus restos na mansão final!...

Porrada lausa, não me enfi "carnice"
ão que era prompna que a virgem tem
limpas cruceiro collocada em frente,
apparete esguio que se avist. alem....

Planten as goivas e saudades resaca
istoubos linios de sentida cor!...
Tumebre em blemna de meus dias tristes

Ornae a campã do infeliz cantor.

E tu, donzella, vai colher as flores,
Las germinarem sobre o peito meu,
Se um dia, am vives de saudade infinda
Não temas virgem, de quem jã morrei!

Regar a campã com teu quente anigo
Zelosa guarda meu final jardim
Erquei os olhos ao cão clemente
Então um hymno ao erudo - meu

E quando um dia minha assua negra
Leveiro estranho esquer de pã
Guarda um pouco, meus aniga fidos

No cemitério há n'um canto só
vós meu cráneo sobre a terra fria
e ante'ora vivo só por sobre a ti
boje caitado, como um esq. leto
a mão da morte enjoraisou ali!

Erás ao lado esta mão mirrada
prestada a esmo desresuada de chão.
e tantas vezes comprimio teu corpo
a louca valsa de gentil salvação!

Fim.

Uma chaga - Modinha

Uma chaga me abristes no peito
Que jamais poderia curar
Escutado de mim sem ventura
Eu sinto a vida findar.

Fostes louca em me dar juramento
Que jamais poderia cumprir
Foi tormentos que tu me entregastes
Para agora viver e carpir.

Eu tão crente pensando comtigo
Qu'era amado por ti bella ingrata
Foi tormentos que tu me deixastes

que enlouquece que fere que mata.

em oh! arzo gelado da morte
Compassiva meus ferros quebrar
na meu mal o martyrio te peço
em meus dias tristonhos findar.

Sim.

Cópia da ...

Antonio Ludgero Guedes Teixeira

Minha Mãe!

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor

Minha Mãe!

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sosinho e a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chama
"Oh filho querido do meu coração!"

Minha Mãe!

No berço, pendente dos ramos floridos,
em que eu pequenino feliz dormitava:
vem é que esse berço com todo o cuidado
cantando cantigas alegre embalava!
Minha Mãe!

De noite, alta noite, quando eu já dormia
pontando esses sonhos dos anjos dos céus,
vem é que meus lábios dormentes noitava
qual anjo da guarda, qual sapro de Deus
Minha Mãe!

Feliz o bom filho que prode contente
na casa paterna de noite e de dia
sentir as carícias do anjo de amôres,

Da estrella brilhante que a vida nos gu
Minha Mãe!

Por isso eu agora na terra do exílio
Sentado sosinho co' a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me cham
« Oh! filho querido do meu coração
Minha Mãe!

Independencia, 19 de Setem-
bro de 1887.

Copiada por
Antonio Ludgero Guedes Teixeira

Independencia.

Eugenia fugindo.

Vamos Eugenia fugindo
E tu, de tudo sorrindo,
Para bem longe nos occultar,
Como os bohemios errantes,
E que repetem delirantes,
Para ser feliz basta amar.

Ha tantos cantos na terra,
E que uma vida inteira incerra,
Mas Deus! que céos de amor?
Seremos dois passarinhos,
Faremos os nossos ninhos,
Lá onde ninguem mais fôr.
(Vire)

Uma casinha bonita,
É uma matta que se agita
Do vento ao leve soprar
Nos lençóis brancos da selva
Nas brancas flôres da relva,
Lá onde havemos de nos amar
Juntos no mesmo leito,
Tua cabeça em meu peito,
Ouvirei os versos teus
Tu cantarás uma nôta,
Daquella moda hespanhola,
Ai!... que é todo o canto teu.

Fim.

Se é crime.

Se é crime amar-se de um olhar attivo
sempre tivo soberano encanto,

Se é crime as vezes, se viver n'aurora,
ou a luz se adora se viver n'um canto;

Se é crime, aos santos se queimar incenso
pareito immenso se render ao bello

De um rosto ao ver-se na celeste alvorada
da formosura divina modelo;

Se é crime, e grande, de uns cabellos pretos
negros, repletos do melhor perfume,
e alguma noite sem luar formosa

(O Vire.)

Ver-se a luctuoso esportador negrum

Se é crime ao arzo se adorar no riso
Do paraizo a esplendidez sublime;
Se o confessar-se que mereces hymnos
Poemas d'inos constitue um crime,

Vis-me a teus olhos como um réo confess
Da-me, te peço, um exemplar castigo
Mas em tua vida festival, nisonha
Ao menos sonha alguma vez commig

José Severino Ribeiro

Independencia, 28 de Setembro de 188

Modirka.

Espectro horrivel que surges
junto á minha cabeceira!
Tua voz brada meu crime,
Tenho horror d'esta caveira.

Com este punhal
Que apertas convulso
Eu fiz este sangue
Que tinge meu pulso.

Foge, espectro! este tormento
se os do inferno inda é mais forte.
Sobre meu rosto diviso

(Vire.)

Este teu paço de morte.

Com este punhal
Que apertas, convulso,
Ou fiz este sangue
Que tinge meu pulso.

Quando o pulso, o teu punhal
Fundo en-terra no este peito!
Ah! mais forte, espectro, calca,
Tinge de sangue meu leito.

Com este punhal
Que apertas, tão forte,
Se a morte te dei

De ti quero a morte.

Matil-o... alli... com o mesmo ferro;
e terror! oh! que tortura!
Cavando junto a meu leito,
Faz-me abrindo a sepultura

Oh! sombra, piedade,
Não calques assim;
Eu dei-te um só golpe,
Tu mil sobre mim.

Sumiu-se... mais inda escuto
seus gemidos-que afflicção!
E esta mancha de sangue

Não se apaga - oh! maldição!

Espectro, tescança
Que ao triste homicida
As dores do inferno
Começam na vida.

Fim.

Copiado por
Antonio Ludgero Guedes Peixoto

Lundú.

Hontem a noite no baile

Trina Cota eu encontrei

Tor aqui priminho?

Vejão como eu não fiquei.

Heiquei-me junto a ella

Com agrado comprimentei-a

Como está priminho

Vejão como eu não fiquei.

Trina quer dançar commigo

Com agrado eu perquitei

Torque não priminho,

Vejão como eu não fiquei.

No meio da quadrilha
Tequei na mão e beijei
Tenha modos priminho
Vejaõ como eu não fiquei.

Um calix de licõr
Nos seus labios encostei
Bebo tudo priminho?
Vejaõ como eu não fiquei.

Prima quer casar commigo,
Com ternura eu perguntei
Porque não priminho...
Vejaõ como eu não fiquei.

Logo ao amanhecer
A sua porta fui bater
já tão cedo priminho?
Dejá como eu não fiquei.

Fim.

Copiada por
Antonio Ludgero Guedes Teixeira.

~~~~~  
Quando a sombra da noite  
Repousa o meu coração,  
Ponto que a mente vacilla  
No ardor desta paixão.

~~~~~

Modinha

Almira meu bem,
Meu anjo cantor,
Tu vais ser cantada,
Por teu trovador.

Estribilho

Meu coração
Ati só quer bem
É teu somente
E de mais ninguém
De mais ninguém
De mais ninguém.

Quando a brisa passa
E vai morrer longe
Teu nome entre as flores
Decho responde.

Se soffres por mim
Eu soffro tambem
Tu serás minha
E de mais ninguém

Admira meu bem
Tu és o meu amor
Tu és a copia
Do teu trovador.
Fim.

Modinha.

Astuciosos os homens são
Enganadores por condição
Os homens querem sempre enganar
Nós devemos acautelar.

Juram constancia até morrer
Mas enganar é seu prazer
Quando dependem são uns cordeiros
Logo se tornão lobos matreiros.

Quando de noite o sol raiar
Então firme lhes há de achar
já nem ao menos vergonha tem
Quando isto ouvem nem se berra
Fim.

Recitativo.

Quero fugir-te mais não posso é virgem
eis sou captivo de um poder sublime!
Quero fugir-te mais cruel vertigem
Vae sobra o corpo como a brisa o vime

Os edem de amor tu és o meu vedado pramo
Ninguem no mundo minha dor comprehende
Quero fugir-te quero sim mas como?
E um teu sorriso me seduz me prende!

Quero enganar-me digo muitas vezes!
Tu és má, que es feio, que é loucura amar-te
tão delirio e bebo até as fesses
Na taça amarga que o soffrer reparte

Tu és o imã que me atraíste a vida
Qual mariposa em teu olhar me abraço
Quero fugir-te de impotente lida.
De minha sombra fugir posso acaso

Quanto mais fujo mas ati me prendes!
Não acho ausência que de ti me ausente
Se os olhos gozão quando estou te vendo
Com te não vendo gozo-te na mente

Fugir não posso! Não se foge á sina
Não foge o corpo quando é presa a idéa
Sou teu captivo! sobre mim domina!
Cis os meus pulsos! Lança-lhe a cadeia

Fim.

Modinha.

Quando a manhã vem despontando
E o sol raiando no horizonte

Nos deixas ver seus raios d'ouro
De verdes louros cahir sobre as montes

Então eu sinto nesse momento
Poucos tormentos d'ouros e pranto

Sinto saudades por quem não vejo
A quem dezo e adoro tanto...

Essas riquezas que aqui vejo

Não as dezo nem quero ter

Quero ser pobre na minha terra

No seio d'ella quero morrer.

Fim.

Modinha.

Não te esqueças de mim quando a
Vai tristonha no espaço sem fim,
Quando as trevas da noite surgirem
Não te esqueças Marília de mim

Não te esqueças de mim quando a flôr
Desbrochada murchar no jardim;
Quando as aves nos bosques cantarem
Não te esqueças Marília de mim

Não te esqueças de mim quando a aurora
Fôr matizada de branco, e carmin,
Quando o sol sepultar-se no occaso
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando ao longe,
Escutares meu pranto sem fim;
Quando alguém prantear de tristeza
Não te esqueças Marília de mim

Não te esqueças de mim quando a rosa,
Encontrares num lindo jardim;
Quando o triste Cyreste avistares
Não te esqueças Marília de mim

Não te esqueças de mim quando ouvires,
A pureza do lyrício ou jasmin;
Quando ouvires do mar o gemido
Não te esqueças Marília de mim

Não te esqueças de mim que te adoro
Que padecço tormentos sem firm
ga' que a sorte nos quiz separar
Não te esqueças Marília de m

Fim.

Copiada por
Antonio Ludgero Guedes Teixeira
(O sonhador mancebo!)

Modinha.

Eu não sei a cor que tinham
Seus lindos olhos que vi!
Quem pro elles não morreva
Como eu pro elles morri!...

Negras, negras bem não são
Não tinham da noite a cor,
Mas no crepusculo da tarde
Lullavão meigas de amor!..

Azues tam bem não são
Não tinham tintas do céu
Sem o brilho das estrellas
Não fulgurão mais que os seus

Ah! já sei evão castanhas
Os lindos olhos que vi!
Quem por elles não morrera
Como eu por elles morri...

— Fim —

Modinha.

É chegada a hora triste,
Existe hora em toda parte,
Hora em que meu coração
apressado e triste bate.

Bate porque vive amante,
De outra coração que adora;

Eu tambem triste palpitava
quando chega a triste hora.

Mas, quando as corações estão untes
corra o tempo muito embara
vão se agitaõ, e só palpitão
quando chega a triste hora.

- Fim -

Modinha.

Eu naite de lua cheia
como e' bello o céu assim!
As ondas beijando a praia
e' tu não gressas em mim.

Oh! bella virgem formosa,
Para que maltrata-me assim?
A brisa beija o regato
So' tu não beijas a mim!

As aves cantam nas mattas
Brilha o cavallo no jardim,
As abelhas beijão as rosas,
So' tu não beijas a mim!

Fim

Independencia 4 de Outubro
1889.

Modinha

Qualquebras vagas do mar
Lembrando as duras fragas
Assim das saudades as vagas.
Em meu peito nem quebrar,
Linto meu corpo resgado
Do peso do dissabor
Vai me faltando calor
Ai! que me mata o querida
Saudade de nossa vida
Lembranças de nosso amor.

Se sol desponta eu lamento
E o sol se despede eu choro.

Se a briga passa eu impli
Compachão para meu tormento
Como não gozo momento,
Do sonho doce favor,
Alta noite com fervor,
Por ti minha alma se inspira
tanto ao som da minha lira
Lembrança de nosso amor.

Mulher a lei do meu facto
É o destino em que vivo
Depois de ficar captivo.
Se um gesto de um ser ag.
Sinto meu corpo vergado.
Cto pesso de dissabor,

Vai me faltando o calor
de que me matar quirinda
Laudades de nossa vida
Lembranças de nosso amor.

P anjo da morte pouza
Va minha fronte ja fria
Vai passear algum dia
Porde meu corpo repouza
Va sepultura na logiza
Que hade abafar minha dor
Por piedade. por favor
Plant^{de} um goiro uma saudade
Signal de nossa amizade
Lembranca de nosso amor
opiado por Albertino Alves Tei
xeira.

Um sonho no jardim

Extremoso mancebo adorava
Gentil dama feitiço de amor;
Era dama que em graças primava
E primava também em vigor.

— Estribilho —

Esperança constante accendia
Mas que nunca um favor concedia

Uma vez uma noite formosa
Bella lua brilhava no céu;
Linda virgem entre flôres passia
Toda pura coberta com véo.

Estribilho.

Alta ia dormir socegada
Vivo alli com sua alma abraçada,

O que mais se passou ninguém viu
Fô a lua que estava no céu;
O amante um suspiro se ouviu
Com ai... terno que a virgem deu
Estrubilho.

E depois que algum tempo passou
O marcebo ainda, em fogo exclamou

Oh! senhora não basta um favor
Para as chammaas que ardendo em mim ves;
Dize quando fôr na gloria do amor
Promissas no jardim outra vez
Estrubilho.

É vermelha qual flor da romã
Bella virgem responde amanhã.

(Vire)

No horisonte o limite afastado
Que de balde se quer conhecer
Qual da rosa o botão desgraçado
Que jamais flôr aberta ha de ser

Fim.

Modinha.

Quando dormires sonha commigo,
Sonhos faqueiros, sonhos de amor;
Se assim sonhares commigo, ó virgem
Sonharei contigo ~~ó linda~~ flôr!

Sonha commigo, sonhos de amor
Que eu sonharei, contigo, ó flôr.

embrã-te, ó virgem, de quem te adora
Na dura ausencia do teu amor;
Lonha commigo, pois se sonhãres,
Sonharei contigo ó linda flôr!
Lonha commigo, sonhos de amor,
Que eu sonharei, contigo, ó flôr.

Quando sósinha tu meditãres,
Nas docês provas do nosso amor;
Lonha commigo, pois se sonhãres
Sonharei contigo ó linda flôr!
Lonha commigo, sonhos de amor,
Que eu sonharei, contigo, ó flôr.

em olhar terno, um riso meigo,

Com praga dá-me de tanto amor
Que eu embestado pelos teus carinhos
Sonharei contigo, ó linda flor
Sonha comigo, sonhas de amor
Que eu sonharei, contigo, ó flor

Fim.

Modinha.

Desde o dia em que te vi
Ainda em botão, tão bella flor,
Vi-te e guardei, em meu peito,
Amizade e puro amor.

Hoas, si, algum dia, eu pudesse
Desfructar amôres teus,
Então sorrindo eu diria:
Tu és minha, encantos meus.

Por mando da flor
De minha affeição,
Vieram tres rosas
Ainda em botão
Plantar, em meu peito,
Amôr e paixão.

Pessas petaladas de carmin,
Que retratam formosura,
Ficou minh' alma gravada,

Mas, gravada sem ventura

Porém quando a morte impia
Meus tristes dias findar,
Vae, oh! flor de meus encantos,
Lá na campa vegetar.

Lá de entre os sepulcros
De ovalho banhada,
Revela teu cheiro
Na triste morada;
Que assim é minh' alma
Ao empynio levada.

Fim.

Modinha.

Ah! como brilhas

No céu azul

Dourando os serras,

Astros do sul!

Quanta tristeza,

Quanta saudade

No seio expantes

Da solidade!

Ah! não, não fuyas,

Não mais te escondas,

Da nevoa errante

Nas brancas ondas!

Vê como as aves
As dormecidas
Saltão sonhando
Luceiras sentidas.

Vê como as selvas,
O prado, as florês,
Num só abraço
Tremem de amôres.

Na sombra o rio
Chora e desmaia;
Mortas as vagas
Gemem na praia...

Ah! fica, fica
No céu azul,
Não mais te afastes,
Astro do sul!...

A luz que vertes
Da patria falla,
E a dor abrasada
Que o seio rala!...

Fim.

Independencia, 17 de
Outubro de 1887.

Modinha.

Meu anjo está: quando junto a noite
Perpassa a brisa pelo rosto teu
Como suspiro que um menino exhala
Na voz da brisa que murmura e falla
Brando queixu-me que tão triste cala
No peito teu? No peito teu!
Ah! sou eu, ah! sim meu bem sou eu.

Quando tu sentes luctuosa imagem
D'afflicto pranto com sombrio véo,
Rasgado o peito por a ceibas dorês;
Quem murcha as flôrês do brando sonho?
Quem te pinta amôrês d'um puro Céu.
Ah! sou eu, ah! sim meu bem sou eu.

Se alguém te acordar do celeste arruibo,
Na amenidade do silencio teu
Quando tua alma n'outros mundos erra,
Se alguém descerra ao lado teu
Fraco suspiro que no peito encerra,
Ah! sou eu, ah! sim meu bem sou eu!

Se alguém se afflige de te ver chorosa,
Se alguém se alegra com um sorriso teu
Se alguém suspira de te ver formosa
Imar ca terra a enamorar o céu
Se alguém definha por amor teu
Ah! sou eu, ah! sim meu bem sou eu!

- Poesia de Gonçalves Dias. -

Fim.

2-11
Ciúmes.

Quantos ciúmes eu tenho de ti,
Nem tu desconfias; melhor te direi
Se acaso com ella te-vejo fallando
Tenho ciúmes, que mesmo não sei

E tu és ingrato, sabendo que soffro
Com ella conversas; conversas sem fim
Não vês como soffro tamanho ciúme
Por Deus eu te peço, tem pena de mim

Si tu és no mundo o ente que amo,
A quem eu consagro maior affeição
Por Deus eu te peço, não sejas cruel,
Não falles com ella! não falles, oh! não

Fim.

Parodia Zottta

Sempre bobios do cumig
Te chama de borboleta!

Despreza os flores, as rosas,
E só pro ti — violeta?

Imariposa mimosa
Vive de aroma, de flores?
Quero aroma atus labios
Quero dentes — amareis!

Preso ao teu amor
Não mais serás borbolenta?
Dixas viveres e lamposo
Com o meu -- da vieta

+++

A Floris

Apriimira i uma saudade
dey uma engrata despresau
Cahida no pó da falta,
Lembrança treste m não dou

Segunda, i' uma assuência
Lembrança de teu rigor,
Despresas-te a pobre sombra
Caminho haste d'isso a flor

Terceira i' sempre-viva
Nome da minha flor,
Não tem aroma, bello,
Lo merece o teu rigor

Quarta i' uma Camelia
Já não traduz o amor,
Ellos despresos vão escriptos
Em cada folha da flor

B

Vai orva tho clado o prante
Vai du prante em que brota
Guarda em teu pitumtush
Luz do meu pito spalou

Y

Independencia 22
de Agosto de 87.

J. J. J.

Amei-te! e meus extremos compensante
Com tanta ingractidão, tanta dorra!
Que assim como adorar - te foi: loucura
Mais extremos te dar, fora louyssa.

D. L. D.

Independencia 26 de Junho de 1839
Regina de Louva

317

